



PREFEITURA DE

CAMPOS

SECRETARIA MUNICIPAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA

 Mais
Ciência

Mães na Rede: Atenção, Cuidado e Redes de Apoio a mães em sofrimento psíquico

Orientadora: Bruna Pinto Martins Brito

Bolsista: Juliana da Silva Vilar Simões

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2024



SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DE LITERATURA	4
MÉTODOS	5
RESULTADOS	6
CONSIDERAÇÕES FINAIS	8
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	10

RESUMO

Este Projeto se propõe a realizar ações centradas na temática da maternidade e saúde mental. Por se tratar de um Projeto de natureza extensionista, este prevê atividades no território de Campos dos Goytacazes, extramuros da Universidade, com atuação na fomentação e ativação de redes de apoio para mães em sofrimento psíquico e/ou vulnerabilidade social. A nossa proposta extensionista se coloca na defesa da construção de políticas públicas voltadas para as mães, bem como propor discussões com a população em geral sobre a maternidade e seus atravessamentos. O trabalho de cuidado, historicamente desvalorizado e considerado um "não-trabalho" é um pilar central de sustentação do tecido social e econômico. Este projeto, portanto, também busca refletir sobre o valor do trabalho materno e como as políticas públicas podem reconhecer e remunerar adequadamente essa contribuição essencial. A maternidade é frequentemente idealizada, com mulheres como as principais cuidadoras, uma disposição que está profundamente enraizada na cultura. Para isso, este trabalho atua no território e nas Instituições de forma transversal, criando espaços de debates e de acolhimento. Com isso, a metodologia está pautada nas rodas de conversa que ocorrem em espaços públicos, com mães em sofrimento psíquico, a partir da escuta e da construção de um espaço de trocas de experiências, que tem por objetivo o fortalecimento de vínculo e a promoção de cuidado a partir de redes integradas de apoio.

INTRODUÇÃO

Este Projeto surge durante o primeiro ano de pandemia, com formato on-line até 2022. Contudo, considerando as intersecções entre gênero, raça e classe, a exclusão social se agravou durante a pandemia, porém, sempre foi uma realidade enfrentada por mães que se veem diariamente sozinhas para lidar com o cuidado de seus/ suas filhos/ filhas. Outrossim, precisamos destacar que, segundo a OMS(2023), um dos impactos da pandemia do COVID-19 é na saúde mental, e destacamos aqui, de mulheres que vivenciam a maternidade. As ações do projeto baseiam-se em estudos como o de Bueno (2021), que observou que mais de 83% das mulheres relataram um aumento significativo na sobrecarga ao cuidar dos filhos na pandemia, com muitas apresentando sintomas de estresse pós-traumático e ansiedade. Em consequência, presenciamos uma sobrecarga desproporcional para as mães. O isolamento social vigente na pandemia, desintegrou redes de apoio que permitiam às mães alguma autonomia, colocando-as em uma posição ainda mais vulnerável. Porém, com o retorno das atividades presenciais, diversos serviços públicos não retomaram de maneira a garantir que mulheres-mães pudessem voltar às atividades, impossibilitando o trabalho e o lazer. Nesse sentido, é importante pontuar o quanto o debate interseccional da maternidade se faz necessário, uma vez que mães negras e periféricas são frequentemente deslegitimadoras e invisibilizadas por um sistema que combina racismo e sexismo (Passos, 2023), invalidando maternidades.

REVISÃO DE LITERATURA

Segundo os dados mais recentes do censo, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são mais de 11 milhões de mulheres que lutam diariamente pela criação dos filhos(as) de forma solitária, exercendo múltiplas jornadas de trabalho. (SILVA, 2020). Durante a pandemia da COVID-19, por mais que todos nós estejamos suscetíveis a contrair a doença, o grau de vulnerabilização dessa contaminação e os impactos da pandemia para cada grupo social, são altamente desproporcionais considerando as intersecções entre gênero, raça, e classe. (AKERMAN; PINHEIRO, 2020). Nota-se, portanto, que a pandemia exacerbou algumas violências e

invisibilizações no que tange ao materno. Como exposto na reportagem de Mena (2021): “o isolamento social trouxe crianças para dentro de casa por um tempo maior e fez ruir as redes de apoio para a maior autonomia das mães”. Em outra pesquisa (BIGARELLI, 2021) é possível verificar que as mulheres que são mães se sentem mais julgadas em sua performance profissional durante a pandemia do que homens que são pais. Segundo Aiello-Vaisberg, Gallo-Belluzzo e Visintin (2020), a mãe é enxergada, culturalmente, como a principal cuidadora das crianças, a partir da ideia de uma “disposição natural” que é vinculada às mulheres desde muito tempo. Como consequência disso, mulheres mães que trabalham dentro ou fora de casa acabam sofrendo grande sobrecarga, na medida em que muitas, além de trabalhar e também cuidar da casa, são figuras centrais no cuidado dos filhos. Portanto, sendo as mulheres as principais responsáveis pelos trabalhos que se filiam ao cuidado, a adesão ao home office afetou diretamente na sobrecarga dessas mães, intensificando ou gerando sofrimento psíquico. Em uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul com mães de crianças e adolescentes (BUENO, 2021) observa-se que mais de 83% das mulheres sentem maior sobrecarga em cuidar dos filhos durante a pandemia; 39,05% das mães apresentam sintomas de estresse pós-traumático; 26,79% apresentam sintomas de ansiedade, dentre outras questões, evidenciando a relevância e urgência de um trabalho voltado para a saúde mental e física dessas mulheres. (BUENO, 2021). À luz disso, surge a ideia do projeto para mães com filhos até 16 anos que estejam em vulnerabilidade socioeconômica e/ou em sofrimento psíquico que façam parte ou não da comunidade acadêmica da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes, reconhecendo os atravessamentos de classe, raça e gênero como fatores que influenciam na construção de identidade e da maternidade e no acesso aos serviços de saúde.

MÉTODOS

Este projeto utiliza, em primeiro lugar, a metodologia da conversação. Entendemos a conversação, tal como definida por Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006) como um dispositivo clínico elaborado por Jacques Alain-Miller nos anos 1990, e se apresenta desde o início com uma condição precisa ao abrir o campo para a palavra entre os psicanalistas. Era iminente que eles se dispusessem a debater os temas

cadentes que atravessam a orientação da Psicanálise. Diante disso, a prática da conversação tem possibilitado o exercício da Psicanálise aplicada (p.2) A partir do método da Conversação, realizamos Rodas de Conversa - quinzenais com as mães participantes do projeto, potencializamos as falas destas mães. Em uma aposta na palavra e os efeitos transformadores que esta atividade deste projeto se desdobra. Ainda potencializando a fala, o projeto também se utiliza de ferramentas da psicanálise aplicada para a realização de acolhimentos individuais com a técnica da associação livre. Acrescenta-se ainda a pesquisa de metodologia qualitativa sobre o tema da maternidade e áreas afins, cujo objetivo é produzir de conteúdos e democratização do acesso às informações relevantes, divulgadas nas redes sociais do projeto. E, por último, este projeto utiliza-se, de modo transversalizado em todas as suas ações, a interseccionalidade como ferramenta metodológica, tal como proposto por Akotirene(2019): dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado –produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (p. 14).

Ao longo desse período, o Projeto atuou em três frentes: escuta e acolhimento de mulheres mães que estão às voltas com cuidados intensivos de seus (suas) filhos(as) em situação de internação hospitalar, com mães de crianças com dificuldades de aprendizagem e com atividades na Escola Municipal Cláudia Almeida Pinto de Oliveira. Nos encontros ocorreram rodas de conversas semanais, quinzenais e mensais. Sendo, na Escola de Educação Inclusiva semanalmente, no HGG quinzenalmente e na Escola Municipal Cláudia Almeida Pinto de Oliveira mensalmente.

RESULTADOS

Nesse viés, realizamos ao longo desse primeiro semestre ações extensionistas no Hospital Geral de Guarus - HGG, Escola de Aprendizagem Inclusiva e na Escola Municipal Cláudia Almeida Pinto de Oliveira. Bem como uma roda de conversa realizada na Semana da Luta Antimanicomial com o tema: “Quais espaços podem ser ocupados pelas mães?”. Nesse período, além das rodas de conversa com as mães dos alunos, também realizamos uma atividade de educação sexual envolvendo os alunos e as mães dos estudantes na

Escola Municipal Cláudia Almeida Pinto de Oliveira em Farol. Essa e as outras atividades realizadas na escola em questão estão ocorrendo em parceria com a UFF, que tem disponibilizado o transporte da equipe de extensionistas, e também com o apoio da direção da escola que tem garantido a abertura do espaço e contribuído para a adesão às atividades, com engajamento das famílias e os alunos.

O Projeto passou por uma alteração em suas atividades. Com a dificuldade de adesão às ações propostas, ocorreu a descontinuidade das atividades no Hospital Geral de Guarus. A atuação no dispositivo ocorreu durante um ano, com rodas de conversas nas enfermarias infantis com as mães acompanhantes de seus filhos(as) internados(as). A média de participação dos grupos no HGG foi de três mães a cada encontro realizado, na Escola de Educação Inclusiva, cerca de quinze mulheres e na Escola Cláudia Almeida Pinto de Oliveira, uma média de cinco participantes por encontro. As atividades foram realizadas nesse escopo durante os meses de março, abril, maio, junho e julho de 2024. Com a descontinuidade das atividades no HGG, o Projeto seguiu com os encontros semanais e mensais na Escola de Educação Inclusiva e na Escola Cláudia Almeida Pinto de Oliveira, com a mesma média de participantes.

Ao longo do segundo semestre, o Projeto participou de eventos e congressos, dessa forma, expandindo o debate acerca da temática. Sendo esses eventos, citados a seguir: XVI Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica, X Semana da Luta Antimanicomial Goytacá(realização de roda de conversa com mães e discentes na Cidade da Criança sobre o lugar das mães na cidade), 17ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia, XI Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, IV Simpósio sobre Maternidade e Ciência do Parent in Science, 29ª Semana de Extensão da UFF, VII Semana de Psicologia, Apresentação do Projeto para o Programa Mais Ciência. Além disso, foram produzidas monografias a partir das atividades do Projeto das extensionistas Aguitha Vasconcelos Merlim, com trabalho intitulado “ Abdicar o desejo:ou da impossibilidade de ser sujeito”(Set/2024), Kethlyn Ortega da Silva, com o trabalho intitulado “ Sobrecarga e culpa de mães de crianças hospitalizadas:quem cuida de quem cuida?” (Jul/2024) e Natália Oliveira com o trabalho intitulado “ A experiência do olhar como potencializador de si: uma busca” (Jan/2025). O Projeto fortaleceu suas pontes e vínculos com o território de Campos dos Goytacazes, com destaque para a parceria na Escola de Educação Inclusiva, onde as rodas de conversa estão se mostrando um importante instrumento de vínculo para as mães que passam por atravessamentos com os seus filhos com dificuldades de aprendizagem. Bem como, a parceria com a Escola

Cláudia Almeida Pinto de Oliveira tem se mostrado muito potente, com a presença de diferentes atores, onde percebemos que a escola, os alunos e as mães estão se mostrando abertos e participativos nas atividades que estão sendo construídas.

Nas atividades desenvolvidas, nota-se a necessidade de um espaço seguro e de acolhimento para que as mulheres mães possam criar vínculos e construir o cuidado coletivamente. Nesse sentido, as mães participantes falam muito sobre a sobrecarga, cansaço e solidão que a maternidade traz. O trabalho com as mães da Escola de Educação Inclusiva, tem trazido à tona o processo de perda de identidade das mulheres participantes a partir dos seus relatos. Elas dedicam praticamente todo o tempo para as demandas dos seus filhos, pois as políticas de inclusão e de cuidado para crianças que possuem dificuldades de aprendizagem ainda são frágeis, o que aumenta a sobrecarga dessas mães. Nota-se também, que em todos esses espaços é muito mais comum a presença maior de mães, de avós e de tias do que de pais, deixando em evidência o papel do cuidado diretamente direcionado para as mulheres.

Outro aspecto importante evidenciado ao longo do segundo semestre, principalmente, é a necessidade de incorporação de atividades com as mães, como jogos interativos, elaboração de atividades culturais e esporte. Ao longo das rodas de conversa, muitas mães relatam pouco tempo e espaço para lazer e cuidado. Com isso, o Projeto começou a pensar em alternativas para trabalhar essas atividades. Com a taxa da bancada, foi possível confeccionar jogos reflexivos, o que proporcionou um espaço de trocas de experiência mais interativo. Foi possível pensar em atividades como cinema, aulas de dança e yoga como meio complementar às rodas, a partir da escuta das mães e da validação das suas falas no espaço que foi construído ao longo deste período. O ciclo de atividades do ano de 2024 se encerrou com essas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, hoje, o projeto Mães na Rede possui as seguintes atividades na cidade de Campos dos Goytacazes: rodas de conversa na Escola de Aprendizagem Inclusiva, com mães de crianças com dificuldade de aprendizagem e rodas de conversa na Escola Municipal Cláudia Almeida Pinto de Oliveira, com mães, alunos e profissionais da educação. Nas atividades desenvolvidas, nota-se a necessidade de um espaço seguro e

de acolhimento para que as mulheres mães possam criar vínculos e construir o cuidado coletivamente. Portanto, este projeto torna-se necessário uma vez que o espaço universitário e social ainda promovem a exclusão e isolamento de mulheres mães através da sobrecarga, culpabilização e negações de direitos que são alguns dos fatores que contribuem cada vez mais para o sofrimento psíquico. Bem como, endossa Políticas Públicas importantes para a temática, tal qual a Política Nacional de Cuidados, que coloca em destaque o papel do Estado na construção de iniciativas que visam a construção de redes integradas de apoio para pessoas que precisam de cuidados e seus cuidadores (as), sendo, dessa forma, voltada, sobretudo, às mulheres mães.

A discussão sobre essa temática atravessa diversas camadas sociais. Uma das mais espessas, se situa na invisibilidade da pauta na sociedade que naturaliza a sobrecarga e romantiza a maternidade sem problematizar o quanto a mesma, em diferentes escalas, é excludente. Com relação, especialmente ao trabalho realizado na Escola de Aprendizagem Inclusiva, percebe-se desafios estruturantes da cidade de Campos dos Goytacazes que não dispõe de uma estrutura adequada para suprir as necessidades de crianças e adolescentes com deficiência, o que sobrecarrega ainda mais as mães e os responsáveis. Evidencia-se que, na grande maioria das vezes, são mães e avós que estão ocupando esse lugar de cuidado, que é exaustivo e solitário. Portanto, Projetos como estes, são necessários para dar voz a essas mulheres e desnaturalizar a exclusão, o isolamento e a falta de Políticas Públicas que contemplem essas mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; GALLO-BELLUZZO, S. R.; VISINTIN, C. Maternidade e Sofrimento Social em Tempos de Covid 19: Estudo de Mommy Blogs. SciELO Preprints, 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.356. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/356>. Acesso em: 14 jan. 2025.

AKERMAN, M.; PINHEIRO, W.R. Covid-19: Não estamos no mesmo barco. Le Monde Diplomatique, 2020. Disponível em:

<https://diplomatie.org.br/covid-19-nao-estamos-no-mesmo-barco/>
AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo : Pólen, 2019.

BICALHO, P. P. G. de; SOUSA, C. F. de. Extensão universitária na formação em psicologia e a questão vocacional: um analisador da produção de subjetividades . Brasília: Psicologia: Ensino & Formação , v.1, n.2, 2010, p. 35-46.

BIGARELLI, B. Brasileiros querem que desigualdade salarial acabe: Pesquisa indica que buscar a igualdade salarial é urgente para 46% dos brasileiros. Valor Investe, [s. l.], 8 mar. 2021. Disponível em: https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/03/08/brasileiros-querem-que-desigualdade-salarial-acabe.ghhtml?utm_source=taboola&utm_medium=exchange&tblci=GiDKFg06A784z50qk8TZt7z5HsTOM_aMNinsWc42YNNHTyCArUooz5K3sqPEu47FAQ. Acesso em: 22 set. 2021. BRASIL. Projeto de Lei nº 2762, de 12 de novembro de 2024.

BUENO, L. Mais de 800 mães participam de pesquisa sobre saúde mental na pandemia. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 5 maio 2021. Disponível em: <https://www.ufms.br/mais-de-800-maes-participam-de-pesquisa-sobre-saude-mental-na-pandemia/>. Acesso em: 22 set. 2021.

CARNEIRO, H. F.; PINTO, P. J. C. A transmissão da psicanálise na universidade a partir do estudo de casos clínicos. Belo Horizonte: Psicologia em Revista, v. 15, n. 3, 2009, p.172-188.

FREUD, S. Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica analítica del psicoanálisis, I). In: Trabajos sobre técnica psicoanalítica, v.12, p.121-144,

1913.

MENA, F. Pandemia ameaça 30 anos de avanços para as mulheres: Mercado de trabalho retrocede com sobrecarga de tarefas, que gera exaustão. Folha de S.Paulo, [s. l.], 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-spaulo/20210308/281479279158724>. Acesso em: 22 set. 2021.

PASSOS, R. G. (2020). Mulheres negras, sofrimento e cuidado colonial. Revista Em Pauta: Teoria Social E Realidade contemporânea, 18(45).
<https://doi.org/10.12957/rep.2020.47219>

SILVA, V. R. um retrato das mães solo na pandemia. Gênero e número.
Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>